

Revolução prometida

Web services são componentes de software com interfaces baseadas em padrões abertos, oferecidos por meio da infra-estrutura pública da Internet, implementados em arquitetura com mecanismos de controle e segurança que possibilitam aplicações de negócios. Constituem-se alternativa ao uso de arquiteturas proprietárias.

Os web services são hoje apontados como a próxima tendência de integração de sistemas e serviços no mercado de Tecnologia da Informação. A nova arquitetura permitiria o aproveitamento do potencial da Internet pública na geração de economias significativas na implementação de infra-estrutura tecnológica, novas oportunidades de cooperação entre empresas e profundas mudanças estratégicas na forma de conduzir negócios em ambiente eletrônico.

No entanto, a “revolução” ainda não ocorreu. Apesar de os provedores de tecnologia sustentarem seu discurso de vendas com investimentos substanciais, e apesar da existência de casos de sucesso na utilização dos web services, passados mais de dois anos de discussão do tema, a adoção de serviços compartilhados apoiados na Internet ainda não se generalizou. Podemos identificar duas razões para esse quadro.

A primeira razão é o ceticismo habitual em relação ao setor, considerado como divulgador de modismos tecnológicos de fôlego curto e impacto incerto. Adotando um mecanismo de defesa, muitos executivos agora esperam para ver o

que acontecerá depois que a onda passar. De forma complementar, falta também iniciativa dos usuários para experimentarem a nova alternativa. O atraso na acumulação de experiência com a nova arquitetura dificulta nas empresas a formulação de uma visão de futuro, inibe o desenvolvimento de planos de transição para o novo modelo e coloca em risco eventuais posições de liderança no presente.

A segunda razão refere-se à ausência do papel de “registrador de serviços” na estruturação do modelo de negócios baseado em web services. Sem esse componente, a interação entre os outros dois agentes, usuários e provedores de serviços, fica limitada pela necessidade de acordos prévios negociados caso a caso entre as empresas interessadas no uso de web services. A criação do componente “registrador de serviços” é, claramente, uma responsabilidade dos provedores de serviços e fornecedores de tecnologias. Para viabilizá-lo, é preciso considerar duas ações: primeiro, criar procedimentos e protocolos condensados que contribuam com a ampliação dos sistemas além das fronteiras do ambiente interno das organizações; e segundo, uniformizar interfaces e proteger os investimentos nas plataformas existentes.

Enquanto esses dois vetores, a iniciativa dos usuários e a coordenação dos fornecedores, não apontarem na direção necessária, os web services continuarão sendo apenas mais uma promessa de revolução nos negócios.

Colaborou Alexandre F. Barbosa FGV-EAESP.



Francisco Aranha
FGV-EAESP